

O que significa Calouste Gulbenkian para mim?

Martin Essayan

O meu bisavô, Calouste Gulbenkian, significa para mim, acima de tudo, VALORES. Hoje em dia, não falamos muito de valores – mas devíamos, especialmente numa instituição filantrópica como esta. Calouste Gulbenkian escreveu sobre os seus valores numa série de cartas dirigidas ao meu pai, seu único neto e, na altura, ainda adolescente. Iremos publicar, ainda este ano, uma seleção destas cartas. Alguns de vocês lembrar-se-ão que eu as mostrei nos vídeos do *website* “Quem é Calouste”. Esses valores eram de extrema importância para ele e denominou-os o seu código moral. Não se limitava a defendê-los, vivia de acordo com eles.

Ao ler essas cartas, apercebi-me de que o meu pai me passou esses valores, sem nunca ter mencionado a sua origem. Ajudaram a transformar o meu pai no homem maravilhoso que ele foi e penso que a coisa mais valiosa que posso fazer nos próximos minutos é passá-los para vocês – deixando claro que eu sou apenas um mensageiro, não um modelo. São oriundos de um homem verdadeiramente excepcional, com padrões muito elevados, que era dotado de astúcia para identificar as suas próprias fraquezas e as dos outros. Representam a sua visão do que é necessário para ser um bom ser humano, mas também podem ser úteis para orientar a sua Fundação. São surpreendentemente exigentes, mas isso faz parte da questão – ensinam-nos a aspirar a sermos melhores. Foram dirigidos por Calouste a um jovem e são, por isso, relevantes para o público mais jovem.

Dentro de alguns minutos, vou sugerir como podem ser úteis para nós como Fundação. São relevantes para todos aqueles que há muito gostam desta grande instituição. Espero que os jovens também achem esta última parte interessante, pois, pelo menos para mim, são agora amigos íntimos da Fundação, com base nos esforços que fizeram para entender o nosso fundador e o que significa ser um Cidadão Global.

Primeiro, **deem o vosso melhor, façam o que acham que está certo e não se preocupem com o reconhecimento dos outros.** Pode parecer estranho estar a sublinhar isto na entrega de prémios, mas foi o que Calouste fez. Escreveu as cartas com este valor em resposta ao facto de o meu pai ter ganho uma série de prémios brilhantes e para lhe lembrar que o importante é a qualidade do trabalho, não o prémio. Espero que todos saibam que o trabalho que realizaram foi excelente e que retirem prazer de saberem que fizeram o vosso melhor.

Em segundo lugar, **considerem-se um produto inacabado e assumam a responsabilidade de se desenvolverem e de melhorarem continuamente.** Todos nascemos com determinados talentos e qualidades – não merecemos crédito por eles, só nos podemos orgulhar do que fazemos com eles. Somos todos um “trabalho em curso” até ao final das nossas vidas e precisamos de continuar a elevar a fasquia com a qual nos comparamos. Calouste Gulbenkian foi um verdadeiro autodidata que deixou o ensino

formal aos 19 anos, mas que se educou sobre finanças, livros e arte. Quando lhe foram mostrados novos artistas, como Degas, a sua resposta foi: “Não o aprecio, tenho de aprender”. Daqui a alguns anos, espero que olhem com orgulho para o vosso trabalho “Quem é Calouste” e digam: “Era muito bom na altura, agora consigo fazer ainda melhor”. Calouste Gulbenkian acreditava que todos precisamos desta autorreflexão se quisermos atingir o nosso potencial.

Terceiro, **mostrem respeito pelos outros, especialmente por aqueles com menos privilégios**. Calouste Gulbenkian detinha um poder enorme, mas era infalivelmente educado e cortês. Todos aqueles que tiveram de negociar com ele consideravam-no muito difícil, mas com uma cortesia do velho mundo criada a partir de um autocontrolo de ferro. Quanto mais velhos e mais poderosos nos tornamos, mais importante isto é.

Quarto, **respeitem a verdade**. Para Calouste Gulbenkian, isto não era uma abstracção, mas sim uma obsessão contínua de “verificar, verificar, verificar” e levou-o a exigir múltiplos relatórios sobre reuniões ou obras de arte. Nestes tempos de notícias falsas, é útil lembrarmo-nos porque é que a verdade é importante. Não só permite o progresso, para que não acreditemos que a Terra é plana ou que é o centro do Universo, como também é uma das melhores defesas face a propaganda enganosa como a que conduziu aos atuais problemas nos EUA, no Reino Unido e noutros locais. A verdade pertence-nos e é a responsabilidade de todos nós – não deve ser deixada para aqueles que têm mais poder ou que falam mais alto. No lar, a verdade pode, por vezes, ser desconfortável a curto prazo, mas é libertadora a longo prazo.

O último valor não foi expresso ao seu neto adolescente, mas foi o que ele fez e ao que atribuiu o seu sucesso. Partilhou com Steve Jobs e Bill Gates a capacidade e a necessidade de criar a sua própria realidade, vencendo os problemas até estes cederem. Como disse Calouste: “Se tiver fé, terá uma profunda convicção e autoconfiança... E assim, através de algo que não consegue explicar, irradia essa fé à sua volta e a mesma continua a progredir”. Ou como disse o seu grande amigo Lord Radcliffe: “Com uma **tenacidade desumana, foi esmagando os seus problemas**, delicados e de difícil resolução como eram, até que, esgotados, os próprios factos desistiram da luta e se reorganizaram para acomodar a visão exigida pelos seus interesses”.

Isto é claro e está documentado. É possível a sua aplicação à Fundação? Penso que estes valores podem proporcionar um contexto para celebrarmos o que alcançámos recentemente e mostrar-nos o que ainda podemos fazer. Deixem-me explicar-vos.

O primeiro valor **significa fazer o que está certo, o que é melhor para os nossos concidadãos e para o planeta, e não o que defendem os que falam mais alto**. Nos últimos anos, obtivemos excelentes progressos na diversificação das vozes que ouvimos e que servimos. Em muitos departamentos estamos a chegar a novos públicos e os nossos novos programas foram concebidos com base na investigação sobre onde podemos ter maior impacto.

O segundo valor, continuar a trabalhar para ser melhor aplica-se, sem dúvida, à Fundação e, como referi, a melhor maneira de o fazermos é estabelecendo padrões elevados e subindo, continuamente, a fasquia. Isso significa **compararmo-nos e**

aprendermos com os melhores do mundo. Mais uma vez, nos últimos anos, registámos enormes progressos nesta matéria uma vez que olhámos para as melhores práticas internacionais e ganhámos imenso com os nossos diretores estrangeiros que trouxeram a sua experiência para diversos departamentos. Estar abertos ao Mundo tem sido bastante benéfico para nós.

O terceiro valor, **de tratar com respeito aqueles que têm menos privilégios**, determina, obviamente, a forma como os que ocupam posições de liderança na Fundação se devem comportar face aos subordinados, mas também inspira a forma como todos nós lidamos com as pessoas fora da Fundação que tiveram menos sorte na lotaria da vida. A nossa atual Presidente já afirmou o seu compromisso em ajudar aqueles que mais precisam e esse compromisso começa-se a refletir na Fundação. Como instituição filantrópica, devemos servir os impotentes, não os poderosos – aqueles que ainda não têm meios para se defenderem a si próprios – é assim que obtemos a nossa verdadeira legitimidade, é assim que geramos igualdade de oportunidades. Muitas fundações importantes estão a aperceber-se de que as pessoas que pretendem ajudar entendem as suas necessidades e como ir ao seu encontro melhor do que as fundações – e as fundações precisam de **ouvir e capacitar**. Acredito firmemente que este deve ser o nosso princípio orientador, se queremos continuar a envolver a próxima geração no nosso trabalho – e é por isso que penso que hoje é tão importante.

Nos últimos meses, enfrentámos uma série de novas verdades com a publicação do primeiro trabalho académico, a biografia independente de Calouste Gulbenkian que derrubou alguns mitos antigos. Estamos agora em posição de ser honestos sobre a interpretação de Salazar sobre o legado de Calouste, de reconhecer os verdadeiros desejos do nosso fundador de uma Fundação internacional que servisse toda a Humanidade, e de respeitar esses desejos como prometido no decreto-lei que criou a Fundação. Temos constrangimentos e responsabilidades em Portugal que devemos respeitar e esta Fundação será sempre portuguesa no seu coração, mas também pode ser internacional. De facto, sendo internacional, será mais eficaz em Portugal e estará mais em sintonia com os tempos.

Há uma notável coincidência entre o nosso fundador, o nosso passado e as necessidades presentes e futuras. Eu pertencço à terceira geração da minha família a integrar o Conselho de Administração desta grande instituição e tenho, por isso, um forte sentido da sua história. Nos primeiros dez anos, quando o meu avô era um dos administradores, a Fundação era consideravelmente mais internacional do que atualmente, com o investimento igualmente distribuído entre Portugal e o exterior e com múltiplos membros estrangeiros no Conselho de Administração. Isto é algo que se tem perdido ao longo dos anos, apesar dos persistentes esforços do meu pai, mas é agora mais relevante do que nunca, uma vez que os grandes problemas da atualidade são globais e por nós estarmos particularmente bem posicionados para abordá-los através do nosso alcance internacional. Os políticos e os Governos, sujeitos ao eleitorado, são guiados por interesses nacionais e de curto prazo. Enquanto Fundação internacional e independente, é necessário ter uma perspetiva mais ampla e abraçar o futuro e hoje temos mostrado que o futuro é dos cidadãos globais preocupados com todo o planeta e com toda a

Humanidade. Isto significa pensar nas necessidades do planeta e da Humanidade em geral, mesmo quando atuamos localmente, valorizando a nossa presença internacional tanto quanto a nossa presença em Portugal, e abrindo toda a Fundação, começando nas hierarquias, para o Mundo e para a próxima geração.

O último valor tem que ver com **grandes ambições, com a tenacidade e com a eliminação de problemas**. Como indivíduos, temos de ser um pouco modestos e realistas a este respeito. No entanto, quando temos os ativos de uma das maiores fundações da Europa a apoiar-nos, então podemos aspirar a isso. O nosso fundador pode guiar-nos e inspirar-nos e, penso que é o meu papel enquanto representante dos seus descendentes no Conselho de Administração, recordar que Calouste via a sua fortuna como demasiado grande para servir apenas um país ou comunidade. Calouste tinha uma visão de cooperação internacional e pensamento a longo prazo. Era um verdadeiro cidadão do Mundo e um grande amante da natureza em todas as suas formas. Esta é a perspetiva com que devemos abordar as questões mais importantes do nosso tempo. Não basta falar como Cidadãos Globais, o que já é um grande começo, é também preciso pensar como Cidadãos Globais e agir como tal, independentemente dos obstáculos, como Calouste Gulbenkian teria feito.

Quero terminar voltando aos jovens extraordinários, cujas obras e ideias celebramos hoje. Nenhuma geração, ou grupo de pessoas, possui esta Fundação. O seu fundador queria que fosse não só para toda a Humanidade, mas também para todos os tempos, razão pela qual a fez perpétua. A minha geração precisa de delegar nas gerações seguintes. Que hoje seja o início de um diálogo entre gerações que continue a fazer isso acontecer.

23 março 2019